

Acerca dum molde de lucernas

Entre os processos de iluminação utilizados pelos romanos são de destacar as lâmpadas de combustível líquido, a que davam o nome de lucernas e as de combustível sólido, chamadas candelas, fax, etc.

A importância das lucernas, não diminuiu com o decorrer dos séculos mas situa-se em campos diferentes: na antiguidade, a sua descoberta veio trazer um enorme progresso na iluminação e hoje o seu estudo tem enorme interesse pois, devido ao conhecimento da sua evolução através do tempo, estamos habilitados a fazer datações de estratos arqueológicos bastante aproximadas. As lucernas prestam-se, particularmente, para esse efeito porque, como objectos de uso corrente e, geralmente, de barro, se quebravam com facilidade e porque, por outro lado, é de todos os tempos o gosto de seguir a moda, o mesmo não acontecendo, por exemplo, com as moedas que tinham curso durante longo tempo.

Como vimos, os romanos utilizavam vários tipos de iluminação. No caso das lucernas, que é o que, de momento, nos interessa, os materiais utilizados na sua fabricação eram o bronze, o barro, o vidro, o alabastro, etc.

Vejamos, se bem que em resumo, como se fabricavam as de barro.

Depois de convenientemente limpa de impurezas e de amassada com água até ser transformada numa massa homogénea, a argila estava pronta a ser trabalhada na olaria que, devido à delicadeza das operações a efectuar, tinha de ser uma oficina especializada neste género de trabalhos.

Como as lucernas eram moldadas, a primeira fase da sua fabricação era a obtenção de moldes. Estes eram duplos: uma metade destinava-se à moldagem da parte inferior da lucerna e a outra à parte superior.

A parte superior do molde, como é natural, era a mais cuidada, pois era nela que se vazavam as ornamentações. Na metade inferior, parte correspondente ao fundo, o oleiro gravava, por vezes, a sua marca que tanto podia ser relevada como vazada.

Para obterem este molde, os oleiros modelavam primeiro uma lucerna e, a partir dela, obtinham todos os moldes de que necessitavam. Algumas fábricas possuíam perto de um cento de matrizes, das quais podiam obter novos moldes sempre que necessitassem.

Fabricado o molde, o oleiro revestia-o com barro amassado, comprimindo-o fortemente contra as paredes. A primeira camada tinha de ser muito fina para aderir bem; seguiam-se outras camadas até se atingir a espessura precisa. Feita esta operação nas duas metades do molde, estas eram ajustadas e as duas secções da lucerna eram coladas por meio duma pequena porção de barro fino muito diluído.

Terminada esta operação, era o conjunto colocado ao sol e assim o barro, perdendo água, contraía-se e soltava-se do molde. Retirado deste, recebia os últimos retoques, eram abertos os orifícios de enchimento e da mecha e a asa era perfurada quando não era colada depois da moldagem.

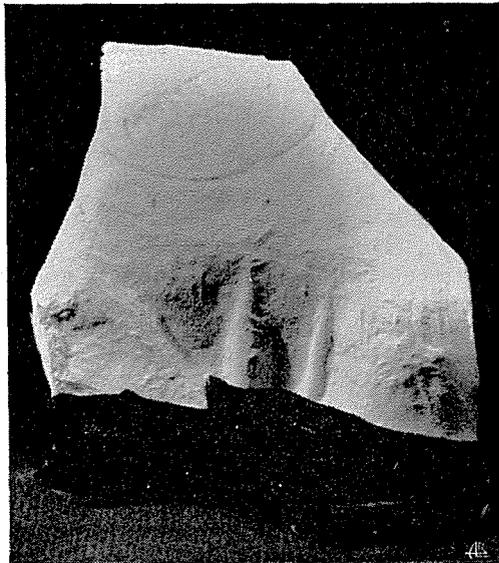


Fig. 1 — Moldagem da lucerna

Feito isto, para diminuir a porosidade e dar melhor aspecto, applicava-se uma leve camada de engobe, geralmente colorido.

Só faltava, agora, cozer a lâmpada. Esta última operação era realizada em fornos vulgares de cozer cerâmica, aquecidos a moderada temperatura para que as lucernas não estalassem.

O trabalho das olarias era, em grande parte, feito por escravos, atingindo alguns tal grau de especialização e perícia, que os seus nomes figuravam nas peças. Estes escravos, quando libertados, tornavam-se sócios ou até donos de olarias.

Como vimos, no fundo das lucernas figuravam por vezes os nomes dos seus fabricantes, geralmente em genitivo, por se subentender a expressão «Ex Oficina» que nem sempre estava omissa. Só muito raramente aparece o nominativo, seguido da forma verbal «fecit». A aposição dos nomes dos fabricantes, geralmente abreviados, atingiu a máxima divulgação no século II A. D. Mas, não era só o nome do fabricante que figurava na lucerna; em alguns casos, o artífice juntava-lhe o seu próprio nome.

Acontece, também, que o «cognomen», varia conservando-se, no entanto, o «praenomen» e o «nomen». É o que acontece com «L. Munatius», que aparece seguido dos seguintes «cognomina», «Amaranthus», «Philemo», «Restutus», «Sucessus» e «Threptus».

Crê-se que esta variedade de «cognomina» se deve ao facto dos libertos adicionarem ao seu nome, tomando o lugar de «cognomen», o nome dos patronos.

Como já dissemos, a cronologia das lucernas é muito importante, pois a partir delas poder-se-ão datar outros objectos. Em face disso, vários autores tentaram estabelecer tabelas para a classificação tipológica e cronológica das mesmas. Assim, apareceram os trabalhos de Dressel (só tipológica) Fink, Walters, Broneer, Loeschke, Palol Salellas e outras.

A partir de qualquer destes trabalhos podemos datar uma lucerna, mas para maior segurança, deve recorrer-se a mais de uma tabela. As mais usadas são as indicadas acima.

A indústria das lucernas atingiu grande amplitude. Certas regiões como a Itália, Gálias e Norte de África exportaram enormes quantidades deste produto ⁽¹⁾.

Em Portugal ter-se-iam fabricado lucernas? Até agora pouco se podia adiantar, apesar da descoberta da parte superior de dois moldes: um na Conímbriga ⁽²⁾ e outro em Alcácer do Sal ⁽³⁾.

(1) Estas notas de introdução foram, na sua grande parte, decalcadas no estudo de J. A. Ferreira de Almeida — «Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal» (1952), separata de «O Arqueólogo Português», nova série, tomo II e no artigo «Lucernas» de Toutain in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines» de Daremberg e Saglio.

(2) J. M. Bairrão Oleiro — «Catálogo de lucernas romanas» (Coimbra, 1952), pág. 29 e estampa IX.

(3) Abel Viana — «Arqueologia Prática» (Beja, 1962), págs. 114 e 115 e in «Arquivo de Beja», V, pág. 12.

Em 1955 foi encontrada em Braga, pelo Reverendo Senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, a parte inferior do molde duma lucerna que este ilustre investigador teve a gentileza de nos ceder para estudo (4).

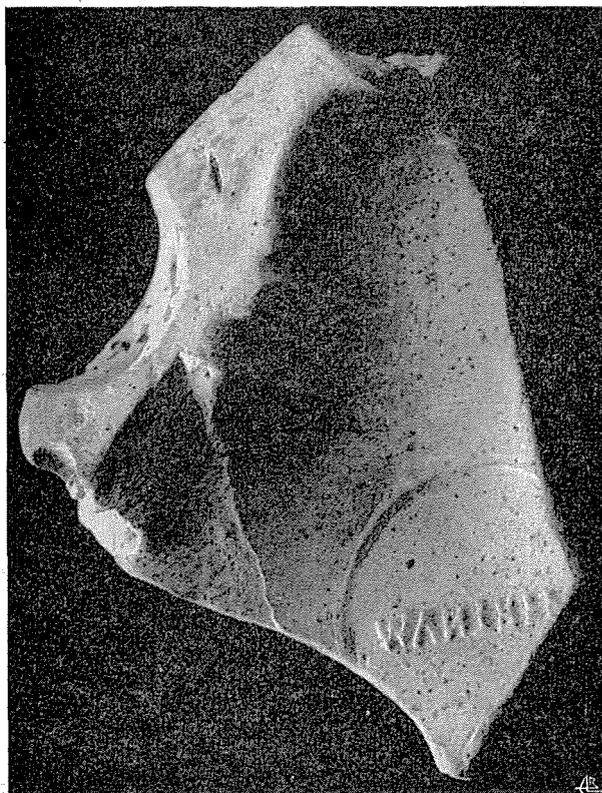


Fig. 2 — Molde de lucerna face interna

Mais precisamente este fragmento, pois infelizmente, é dum fragmento que se trata, foi encontrado quando da abertura da Rua Santos Cunha (freguesia de Maximinos) rasgada através duns campos, até aí conhecidos pelo nome de Cividade de Cima.

(4) Pertence ao Museu de Etnografia e História de Braga (em organização).

Com a abertura desta rua apareceram numerosos restos romanos, dos quais citaremos, por nos interessarem muito especialmente para este estudo, os restos dum forno cerâmico ⁽⁵⁾, e a grande quantidade de argila pronta a ser utilizada, que tem aparecido em certos pontos destas ruínas ⁽⁶⁾.

Ora todos estes factos (o fragmento do molde, o forno e a argila), permitem-nos supor que na «Bracara Augusta» se fabricaram lucernas. Este conjunto de circunstâncias torna o achado deste molde mais significativo que o dos anteriores, de que se ignoram as condições em que foram encontrados.

Trata-se, como foi dito, do fragmento da parte inferior do molde dum lucerna de volutas do tipo Dressel 14, Broneer XXIII, British Museum 84, Loeschcke VI, Palol Salellas 8, fabricado em barro esbranquiçado muito duro e aderente ao qual ainda restam alguns fragmentos de verniz acastanhado. Nas paredes exteriores foram abertos orifícios profundos em forma de cone, para diminuir a espessura das paredes do molde e assim o calor chegar mais facilmente ao interior sem que a resistência da peça seja enfraquecida.

Na parte interior desta mesma face encontram-se profundamente gravadas as letras DO numa linha e, por baixo desta as letras MI mas, como o molde se encontra quebrado, devem faltar algumas letras. Sobre o significado deste letreiro, por falta de elementos, não me atrevo a apresentar nenhuma hipótese. Estas letras medem 1,2 cm de altura.

Na face interior, na parte correspondente à base, em letras relevadas, lê-se TPERTNUM marca que, visto tratar-se dum molde está escrita detrás para diante devendo, portanto, ler-se MUNTREPT, assinatura do oleiro «(L) Munatius Threptus» e como se subentende a expressão «ex officina», a abreviatura desenvolvida será L. Mun (ati) T (h) rept (i).

Os produtos da oficina deste oleiro têm sido encontrados em Roma e Norte de Africa, o que leva a crer que ela se encontraria numa destas regiões, com maior probabilidade para a segunda ⁽⁷⁾.

Mas então, como explicar o aparecimento deste molde em Braga?

⁽⁵⁾ Referido pelo Reverendo Cônego Arlindo Cunha. (Correio do Minho de 13 de Fevereiro de 1964).

⁽⁶⁾ Infelizmente tem sido impossível efectuar escavações metódicas. Alguns objectos aí achados foram pelo autor apresentados ao «IV Colóquio Portuense de Arqueologia» (1965).

⁽⁷⁾ Toutain, *loc. cit.*

Apresentaremos quatro hipóteses :

- 1.º O molde seria um dos muitos vendidos no comércio?
- 2.º Existiria em Braga uma sucursal da oficina do Norte de África?
- 3.º Esta oficina não seria norte-africana mas sim bracarense?

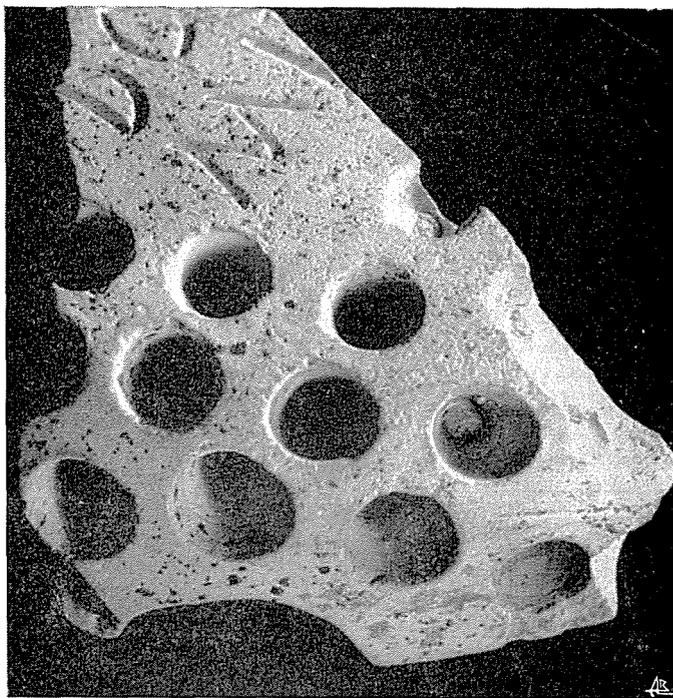


Fig. 3 — Molde de lucerna face externa

4.º Tratar-se-ia simplesmente duma apropriação e não dum molde obtido do original, isto é, este molde teria sido obtido duma lucerna vendida pela oficina de «L. Munatius Threptus» e, abusivamente, reproduzida pelo oleiro bracarense?

A hipótese que me parece mais crível é a segunda; teria portanto existido em Braga uma oficina subsidiária da de «Munatius Treptus».

Analiseemos as outras hipóteses.

Se o molde fosse vendido para ser reproduzido por outros, com certeza que não traria a marca do oleiro, seu autor, na parte inferior, pois o dono dessa marca não saberia em que mãos ela ia cair e qual a qualidade dos produtos do outro oleiro, enquanto que este, também não gostaria que os seus produtos saíssem para o mercado com um nome que não era o seu.

Se uma oficina da importância desta fosse bracarense, por certo apareceriam mais lucernas deste oleiro em Portugal do que em qualquer outro lado. O facto é que, de Portugal, só se conhecem, até hoje três lucernas com esta marca. Uma encontra-se no Museu Leite de Vasconcelos ⁽⁸⁾, outra no Museu de Antropologia da Universidade do Porto ⁽⁹⁾ e a terceira na Biblioteca Museu de Penafiel ⁽¹⁰⁾ e só esta é de tipo igual ao do molde.

Não creio também que se trate duma apropriação pois o molde é bastante perfeito para ter sido obtido por alguém incapaz de modelar uma lucerna original e, por outro lado, seria natural que, se o fizessem, tivessem tido o cuidado de raspar a marca do fundo.

Como dissemos, em Portugal foram encontradas três lucernas deste oleiro mas só uma, a de Penafiel, é do tipo Dressel 14, Broneer XXIII ou British Museum 84. As outras a do Museu de Antropologia e a do Museu Leite de Vasconcelos são do tipo Dressel 15, Broneer XXIV, British Museum 85.

Comparada a lucerna de Penafiel com o molde, verificou-se que, além de ser do mesmo tipo, tinha as mesmas medidas ⁽¹¹⁾, descontando a natural contracção por perda de água.

Teria então esta lucerna sido fabricada em Braga?

É muito possível, nada se opõe a isso como, de resto, nada o confirma.

Passemos agora ao estudo da cronologia desta peça. Segundo a classificação do «British Museum» (tipo 84), estamos perante uma peça do séc. I — lâmpada de «rostrum» redonda com volutas e com ansa.

Segundo a classificação de Walters trata-se de uma lâmpada

⁽⁸⁾ Citada por Ferreira de Almeida — «Lucernas Romanas em Portugal», sob o n.º 73.

⁽⁹⁾ Idem sob o n.º 66. Nesta só se conseguem ler as três primeiras letras MVN. As outras estão saídas pelo uso.

⁽¹⁰⁾ Idem sob o n.º 63, e em «Lucernas de Penafiel» do autor in «Revista do Etnografia» (Porto, 1966).

⁽¹¹⁾ Comprimento 11 cm, largura 7,5 cm e altura 2 cm.

da classe II («rostrum» de ponta sempre ladeado de volutas) tipo fabricado na primeira metade do século I A. D.

Igualmente para Palol Salellas é uma lâmpada da época de Tibério (14-37) — Cláudio (41-54), portanto também da primeira metade do séc. I A. D.

A maior expansão deste tipo deve, sobretudo, ter-se dado no segundo quartel do séc. I A. D. e estas lâmpadas constituem o grupo mais numeroso entre as achadas em Portugal ⁽¹²⁾.

As outras duas lucernas, citadas como tendo a marca de «L. Munatius Treptus», pertencem a uma época idêntica a esta.

Conclusão

Foi encontrado em Braga um molde de lucernas do maior interesse, a propósito do qual se podem tirar as seguintes conclusões:

1.º Fabricaram-se lucernas em Braga no 2.º quartel do séc. I A. D.

2.º É de presumir que, nessa cidade, houve uma fábrica de lucernas subsidiária da oficina de «L. Munatius Threptus».

3.º Igualmente presumimos que uma das lucernas do Museu de Penafiel foi fabricada a partir deste molde.

Ao Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor Bairrão Oleiro agradecemos todos os esclarecimentos que nos prestou para a identificação da marca existente no molde.

Igualmente ao Rev.^o Senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha agradecemos a possibilidade que nos deu de estudar esta notável peça.

J. J. RIGAUD DE SOUSA

Sócio da Soc. Port. de Antropologia
e Professor do Conservatório de Música de Braga

(12) Ferreira de Almeida, *ob. cit.* — pág. 115.